

Osório diz que ensino precisa de mudança

"O Brasil precisa adotar, urgentemente, uma nova política educacional voltada para o ensino técnico e superior, sob pena de se, cada vez mais, uma acentuação da tendência a transformar em privilégio de poucos a garantia de uma profissão especializada e rentável". O alerta é do candidato Osório Adriano, que disputa uma vaga de senador pelo PFL. Osório lembra que, hoje, dois terços dos alunos universitários estão matriculados em escolas particulares, o que significa que, de alguma forma, estes dispõem de melhor situação econômica e podem pagar os elevados custos com educação.

— O cursinho e o vestibular são os pesadelos do adolescente brasileiro, que enfrenta uma violenta barreira em suas pretensões profissionais. A sociedade leva o cidadão a pensar que apenas a universidade é o caminho para a realização profissional, quando as escolas técnicas, para a formação de mão-de-obra especializada, são uma imposição de qualquer modelo de desenvolvimento econômico moderno.

Osório acredita que, da forma como está estruturada, a educação superior no Brasil, invariavelmente abre as portas "aos mais abastados e deixa do lado de fora os filhos de famílias humildes".

— Senão, como explicar que, de cada cem crianças que se matriculam na primeira série do primeiro grau, apenas quatro por cento conseguem chegar a ter um diploma universitário — ressalta o candidato.

Por isso, Osório Adriano defende, como tese para a assembleia constituinte, a posição de que só uma reformulação completa da política educacional poderá recolocá-la nos padrões que beneficiem a toda a sociedade, sem preconceitos de caráter econômico. Ele acha que valorizou-se demais o diploma de "doutor", quando o país necessita, fundamentalmente, de profissionais bem formados em muitos outros setores, dai a importância de estimular-se o ensino técnico, alternativo eficaz de educação.

— Há 26 anos, tínhamos no Brasil 1.116 faculdades. Em 1980,

chegamos ao número de 4.394 estabelecimentos de ensino superior. Estes números seriam alentadores se não soubessemos que, de 1963 a 80, o ensino particular cresceu cinco vezes mais que o público; o que significa dizer que as oportunidades só cresceram, realmente, para os que podem pagar por elas — informa o candidato do PFL.

Para Osório, o Distrito Federal reflete, sem diferenças, a situação a nível nacional. "No DF, apenas 15 por cento dos que se matriculam nas faculdades conseguem concluir seu curso. Quase sempre porque, pressionados pelas dificuldades econômicas, são obrigados a abandoná-los. Existem sete estabelecimentos de ensino superior no DF, apenas um é público (UnB), e neles se matricularam em 1984 um total de 30.533 alunos. Só 4.653 deste total concluíram o curso", continua o candidato, que como membro do Conselho de Administração da Universidade de Brasília deu o primeiro passo no sentido de melhorar esta situação:

— Partimos da constatação de que a universidade está muito distante da comunidade. Então, propusemos a criação de implantação, em caráter urgente, de cursos noturnos, que abririam as portas da UnB aos alunos com menor poder aquisitivo. Nossa proposta, feita em 21 de novembro do ano passado, está aprovada e vem sendo implantada. Em ritmo lento, é verdade, mas menos por desinteresse da instituição do que pela falta de recursos com a liberação de mais verbas para atender a este novo contingente criado com o terceiro turno de aulas.

Osório Adriano tem a certeza de que Brasília e a UnB poderão dar o exemplo para que o ensino superior torne-se um benefício social estendido a todas as classes. "A criação da UnB foi um marco na história do país. Uma tentativa de se instituir uma universidade livre, nova, criadora, crítica e voltada fundamentalmente para a pesquisa. Ainda continuamos alimentando este sonho; não podemos permitir que nossos cérebros fiquem improdutivos na vida acadêmica por falta de condições de trabalho", finaliza.